



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE: CONSTRUINDO PONTES ENTRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E QUILOMBOLAS

Dra. Cristiane Sousa da Silva¹

Dra. Joselina da Silva²

Resumo: Esse texto tem como objetivo contribuir com os estudos que apresentam a extensão universitária em sua atuação no que concerne à temática racial no ensino superior privado. Trata-se de um relato de experiência numa perspectiva antirracista, na construção do Numeq (Núcleo Multidisciplinar em Ensinamentos Quilombolas), que priorizou a construção do conhecimento no que tange à questão racial, e, nessa via de mão dupla com o Quilombo, reconhece e revaloriza seus saberes na esfera acadêmica. Além de mostrar o olhar dos/as estudantes e dos/as professores/as sobre o grupo, bem como contribuição nos cursos nas áreas de exatas, saúde e humanas. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com enfoque na pesquisa-intervenção. A constituição do campo de intervenção se deu no ensino superior de rede privada localizada no Sertão Central do Ceará, na cidade de Quixadá. Participaram cinco professores/as e 18 estudantes participantes dos seis cursos envolvidos no projeto de extensão no período de 2015.1 e 2015.2. Como técnica de investigação no intuito de recolher os dados, optamos pela observação participante e pelo questionário, que teve o intuito de avaliar a visão de estudantes e professores a respeito da questão racial antes e depois da pesquisa-intervenção. Para interpretar os dados colhidos na pesquisa de campo, recorremos à técnica da análise de conteúdo. As categorias emergiram a partir das respostas dos envolvidos nessa investigação, que foram: o Numeq e o diálogo com os/as professores/as e estudantes: vivências, olhares e entendimentos; o Numeq e contributos para uma formação acadêmica antirracista. Pôde-se notar que, o projeto de extensão permitiu, a partir das leituras, reflexões e vivências, que os/as estudantes e professores/as tivessem uma visão abrangente e uma consciência crítica e histórica acerca das diversas discriminações, e mais especificamente do racismo.

Palavras-Chave: Numeq; Extensão universitária; Racismo.

ANTI-RACIST EDUCATION IN THE CENTRAL SECTOR OF CEARENS: BUILDING BRIDGES BETWEEN UNIVERSITY EXTENSION AND QUILOMBOLAS

¹ Doutora e Mestre em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora do Instituto Federal do Ceará – IFCE. Coordenadora do Núcleo de Estudo Afro-brasileiro e Indígena – NEABI - IFCE campus Jaguaribe – Ce. Membro do Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais - N’BLAC. E-mail: cristiane.silva@ifce.edu.br

² Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. Professora adjunta da UFRRJ. Coordenadora do N’BLAC – Núcleo Brasileiro, Latino-Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais, certificado pelo CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Funcap/BPI. E-mail: joselianjo@yahoo.com.br



Abstract: This text aims to contribute to the studies that present the university extension in its performance in what concerns the racial theme in private higher education. It is an experience report in an anti-racist perspective, in the construction of the Numeq (Multidisciplinary Nucleus in Quilombola Teachings), which prioritized the construction of knowledge regarding the racial issue, and, in this two-way street with Quilombo, recognizes and reevaluates their knowledge in the academic sphere. In addition to showing the students 'and teachers' views on the group, as well as their contribution to courses in the areas of exact, health and humanities. The methodology used was of a qualitative nature, with a focus on research-intervention. The intervention field was set up in private higher education located in the Central Hinterland of Ceará, in the city of Quixadá. Five teachers and 18 students participated in the six courses involved in the extension project in the period 2015.1 and 2015.2. As an investigation technique in order to collect the data, we opted for participant observation and the questionnaire, which aimed to assess the views of students and teachers regarding the racial issue before and after the intervention research. To interpret the data collected in the field research, we used the technique of content analysis. The categories emerged from the responses of those involved in this investigation, which were: Numeq and the dialogue with teachers and students: experiences, views and understandings; o Numeq and contributions to anti-racist academic training. It could be noted that, from the readings, reflections and experiences, the extension project allowed students and teachers to have a comprehensive view and a critical and historical awareness about the various discriminations, and more specifically racism.

Key-words: Numeq; University Extension; Racism.

EDUCACIÓN ANTIRACISTA EN EL SECTOR CENTRAL DE CEARENS: CREANDO PUENTES ENTRE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA Y QUILOMBOLAS

Resumen: Este texto tiene como objetivo contribuir a los estudios que presentan la extensión universitaria en su desempeño en lo que concierne al tema racial en la educación superior privada. Es un informe de experiencia en una perspectiva antirracista, en la construcción del Numeq (Núcleo multidisciplinario en las enseñanzas de Quilombola), que priorizó la construcción del conocimiento con respecto al tema racial y, en esta calle de doble sentido con Quilombo, reconoce y reevalúa sus conocimientos en el ámbito académico. Además de mostrar las opiniones de los estudiantes y profesores sobre el grupo, así como su contribución a los cursos en las áreas exactas, de salud y humana. La metodología utilizada fue de naturaleza cualitativa, con un enfoque en la investigación-intervención. El campo de intervención se estableció en la educación superior privada ubicada en el Hinterland Central de Ceará, en la ciudad de Quixadá. Cinco maestros y 18 estudiantes participaron en los seis cursos involucrados en el proyecto de extensión en el período 2015.1 y 2015.2. Como técnica de investigación para recopilar los datos, optamos por la observación participante y el cuestionario, que tenía como objetivo evaluar las opiniones de los estudiantes y los maestros sobre el tema racial antes y después de la investigación de intervención. Para interpretar los datos recopilados en la investigación de campo, utilizamos la técnica de análisis de contenido. Las categorías surgieron de las respuestas de los involucrados en esta investigación, que fueron: Numeq y el diálogo con maestros y alumnos: experiencias, puntos de vista y comprensiones; o Numeq y contribuciones a la formación académica antirracista. Cabe señalar que, a partir de las lecturas, reflexiones y experiencias, el proyecto de extensión permitió a los estudiantes y maestros tener una visión integral y una conciencia crítica e histórica sobre las diversas discriminaciones, y más específicamente el racismo.

Palabras-clave: Numeq; Extensión Universitaria; Racismo.

ÉDUCATION ANTI-RACISTE DANS LE SECTEUR CENTRAL DE CEARENS: ÉTABLIR DES PONTS ENTRE EXTENSION UNIVERSITAIRE ET QUILOMBOLAS



Resumen: Ce texte vise à contribuer aux études qui présentent l'extension universitaire dans ses performances en ce qui concerne le thème racial dans l'enseignement supérieur privé. Il s'agit d'un rapport d'expérience dans une perspective antiraciste, dans la construction du Numeq (Centre multidisciplinaire pour l'enseignement de Quilombola), qui a priorisé la construction de connaissances sur la question raciale, et, dans cette rue à double sens avec Quilombo, reconnaît et réévalue leurs connaissances dans le domaine universitaire. En plus de montrer le point de vue des élèves et des enseignants sur le groupe, ainsi que leur contribution aux cours dans les domaines de l'exacte, de la santé et de l'homme. La méthodologie utilisée était de nature qualitative, l'accent étant mis sur la recherche interventionnelle. Le champ d'intervention a été mis en place dans l'enseignement supérieur privé situé dans l'arrière-pays central du Ceará, dans la ville de Quixadá. Cinq enseignants et 18 étudiants ont participé aux six cours impliqués dans le projet d'extension au cours de la période 2015.1 et 2015.2. En tant que technique d'enquête afin de collecter les données, nous avons opté pour l'observation des participants et le questionnaire, qui visait à évaluer les points de vue des étudiants et des enseignants sur la question raciale avant et après la recherche d'intervention. Pour interpréter les données collectées dans la recherche sur le terrain, nous avons utilisé la technique de l'analyse de contenu. Les catégories sont ressorties des réponses des personnes impliquées dans cette enquête, à savoir: Numeq et le dialogue avec les enseignants et les élèves: expériences, points de vue et compréhensions; o Numeq et contributions à la formation académique antiraciste. On peut noter que, à partir des lectures, réflexions et expériences, le projet d'extension a permis aux élèves et aux enseignants d'avoir une vision globale et une conscience critique et historique des différentes discriminations, et plus spécifiquement du racisme .

Mots clés: Numeq; Extension universitaire; Racisme.

INTRODUÇÃO

Podemos nos referir aos significativos avanços nas discussões e produções relevantes sobre as relações raciais no ensino superior, principalmente na esfera pública. No entanto, faz-se necessário que tais conhecimentos se efetivem na formação inicial dos futuros profissionais. Existem diversas lacunas na implementação e efetivação da Lei nº 10.639/03 e sua regulamentação pelo parecer CNE/CP 03/2004 e da Resolução 01/04 do Conselho Nacional de Educação nas IES públicas e privadas. Uma dessas lacunas é o racismo institucional, que impede a devida reparação da violação que sofremos cotidianamente nas instituições escolares e na sociedade.

Não basta garantir a legalidade é necessário que saia do papel e faça parte do currículo escolar e acadêmico; precisa ser implementado nas escolas, bem como no ensino superior. Em relação à população negra, trata-se de uma difícil realidade nos currículos do ensino superior, principalmente nas IES privadas, pois o desafio maior está em inseri-los na formação acadêmico-científica e na produção de novos saberes sobre a diversidade étnico-racial.



Gonçalves e Silva (2011), referem-se a respeito da mudança no currículo não é suficiente para contemplar a questão racial no espaço acadêmico: faz-se necessária uma busca de estratégias para proceder à mudança teórica/conceitual, sobretudo para os/as professores/as e estudantes com a temática racial, compreendendo que estamos diante de leis que precisam ser executadas. Essa é uma realidade ainda distante, tendo em vista a ausência um currículo de disciplinas que se refira à questão racial, o que prejudica a formação inicial de nível universitário.

Diante disso, uma questão principal nos orientou a pesquisa: como trabalhar a relação teoria/prática no que concerne à temática racial no ensino superior privado a partir da extensão universitária?

Para o Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), a extensão passa a ser percebida como um processo de articulação entre o ensino e a pesquisa. Dessa maneira, o conceito de extensão é estabelecido no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e estudantes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (Plano Nacional de Extensão Universitária, 2000, p. 5).

Para Tavares e Freitas (2016), a extensão – a partir do Plano Nacional de Extensão Universitária – consolidou-se com um fazer educativo visando à formação política, profissional e acadêmica, sendo um corpo integrado da universidade, na tentativa de atender às necessidades formativas a partir de um viés interdisciplinar voltado para construir conhecimentos e relacionando-os ao cotidiano, contribuindo para uma aprendizagem colaborativa e significativa.



Este texto é fruto de uma tese de doutorado³ e se propôs a seguir o seguinte caminho: inicialmente fazer uma breve apresentação do Numeq (Núcleo Multidisciplinar em Ensinos Quilombolas) e da aproximação da universidade com o Quilombo Sítio Veiga. Mais adiante, procuramos debater de forma breve sobre Quilombo. Ressaltamos a presença de comunidades quilombolas no Ceará, destaque para o Sítio Veiga. Também apontamos a importância da extensão universitária em relação à questão racial, destacamos o olhar dos/as professores/as e estudantes sobre o Numeq. Por fim, a contribuição do Numeq para uma práxis antirracista no ensino superior, a partir de ações extensionistas que aproxime a universidade dos territórios negros invisibilizados no âmbito da educação.

NUMEQ: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO

O artigo ora proposto, tem como intenção, problematizar o rompimento epistemológico no trato às questões raciais no ensino superior privado por meio da extensão universitária. Objetivamos um modo de pensar/refletir sobre a relação teoria/prática antirracista na formação dos futuros profissionais e no exercício dos seus ofícios.

O projeto de extensão intitulado Núcleo Multidisciplinar em Ensino Quilombola - Numeq -, que teve como intuito a intervenção na comunidade quilombola do Sítio Veiga a partir de suas necessidades associadas ao conhecimento acerca das questões raciais nas mais diversas áreas, entre eles: Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia. A razão destas escolhas deu-se por serem estes os cursos oferecidos pela faculdade privada, que sediou o referido grupo de estudos. O Numeq teve a contribuição dos/as professores/as dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia durante o período de execução do projeto de extensão entre 2015.1 e 2015.2.

Diante de tais configurações, pode-se dimensionar a importância da pesquisa, ou seja, uma ressignificação do olhar das relações raciais no ensino superior privado a partir

³ SILVA, Cristiane Sousa da. Do Quilombo Sítio Veiga à Universidade: uma experiência extensionista antirracista no Sertão Central cearense - UFC. 2018. 196f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.



da relação teoria/prática, por meio de ações extensionistas antirracistas no Quilombo envolvendo as áreas da saúde, humanas e exatas no contexto acadêmico. A partir desse pressuposto, decidimos trabalhar de maneira interdisciplinar e multicursos por meio de um projeto de extensão de minha autoria, no qual as práticas extensionistas desembocassem na comunidade quilombola do Sítio Veiga, tendo como objetivo central a discussão das relações raciais.

A perspectiva seguida foi a de, a partir das ações extensionistas no quilombo, colocar em análise os seus desdobramentos referentes à questão racial nos cursos já elencados anteriormente oferecidos no ensino superior privado no Sertão Central cearense, no município de Quixadá.

Dessa maneira, como afirma Sousa Santos (2007), a ciência pós-moderna deve dialogar com outras formas de conhecimento, que o autor chama de senso comum, o conhecimento prático. Assim, percebemos uma convergência de olhares reflexivos sobre a forma de pensar/refletir sobre as questões raciais a partir das vivências no Quilombo, corroborando com a criação de novos saberes e práticas didático-pedagógicas no fazer docente e discente.

A importância do grupo revestiu-se de significação, visto que, os dispositivos de intervenção construídos para a realização da análise das demandas, implicações e da transversalidade em relação à questão racial foram restritos a dois principais segmentos:

a. A intervenção junto aos/às professores/as e estudantes/as – Atividades através de debates em grupo acerca da temática racial, vídeos para a discussão do racismo, reuniões semanais, planejamento e avaliação das ações realizadas no Quilombo Sítio Veiga e articulação de cada curso com o tema em questão.

b. A intervenção junto à comunidade quilombola do Sítio Veiga, desenvolvida por debates organizados em pequenos grupos de crianças, adolescentes e adultos com realização de oficinas por segmentos específicos. Tais atividades tiveram como objetivo analisar coletivamente a relação com o trato racial no Quilombo Sítio Veiga, estabelecendo o fortalecimento de vínculos comunidade/universidade e contribuindo para o empoderamento local e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Nos orientamos no sentido de organizar encontros de formação semanais, com duração de duas horas, onde estudávamos temáticas referentes às questões raciais e fazíamos o planejamento coletivo para as intervenções no Sítio Veiga.



Os temas escolhidos, bem como os vídeos, *a priori*, foram escolhidos por mim, visto que a grande maioria tratava das relações raciais, identidade negra, racismo, das legislações vigentes sobre a Lei nº 10.639/03 e requeria um cuidado em sua escolha e seleção – afinal, todos estavam partindo do zero, pois a única leitura que se tinha era do senso comum e de uma população negra estereotipada pela sociedade racista brasileira.

O momento seguinte se caracteriza pela interação teórico-prática com as ações de intervenção no Quilombo. As intervenções eram construídas nos encontros de formação de forma coletiva, o desdobramento acontecia como ressaltamos anteriormente, no Quilombo, e atendiam aos grupos de crianças, adolescente e mulheres da comunidade.

Portanto, os encontros de formação contribuíram para processos dialógicos e reflexivos, não somente para a questão racial, mas também em relação a comunidades quilombolas, territorialidade e identidade negra – temas oriundos das discussões teóricas articuladas com as ações de intervenções no Sítio Veiga. Oliveira-Formosinho, parafrazeando Sousa Santos (2014), reconhece que o conhecimento prático, em diálogo com o conhecimento científico, aumenta a dimensão do conhecimento, dando origem a uma nova racionalidade, mais reflexiva e mais prática.

Por isso, a extensão universitária, por meio do Numeq tornou-se um local propício no combate aos próprios preconceitos, bem como os gestos de discriminação tão enraizados no nosso cotidiano – como “brincadeiras” –, na reconstrução dos seus discursos e ações pedagógicas, contribuindo para uma prática educativa antirracista no ensino superior privado.

A ideia do encontro de formação foi primeiramente fazer com que os alunos e professores estudassem e conhecessem sobre o assunto para depois começarmos de fato as intervenções no quilombo, pois de nada adiantaria realizar as ações se o debate e as discussões ficassem empobrecidos. Por ser uma temática nova tanto para professores como para alunos, foi priorizado no primeiro momento o estudo das questões raciais, onde pudemos desconstruir alguns conceitos que são próprios do senso comum.

Nos encontros de formação, estudávamos temas relacionados às questões raciais e organizávamos o planejamento coletivo para as intervenções no Sítio Veiga. As principais estratégias utilizadas foram a leitura e a análise de textos, poesias, letras de músicas, vídeos, pensamento de ativistas e intelectuais negros/as. Na ocasião, tanto nas ações de intervenção quanto na formação escutamos e debatemos com os próprios

professores e alunos participantes acerca dos depoimentos dados sobre discriminação, preconceito racial, manifestações do racismo e como eles estão presentes na sociedade brasileira e se cristalizam na instituição e no próprio Quilombo.

O percurso metodológico se debruçou sobre os pressupostos da pesquisa-intervenção. Como afirma Chizzotti (2017), a pesquisa-intervenção propõe uma prática consciente de atuar em uma realidade concreta, mediante ações coerentes para gerar uma nova realidade social.

A perspectiva seguida foi a de, a partir das ações extensionistas no Quilombo, colocar em análise os seus desdobramentos referentes à questão racial nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia no ensino superior privado no Sertão Central cearense, no município de Quixadá.

A constituição do campo de intervenção se deu no ensino superior de rede privada localizada no Sertão Central do Ceará. Participaram e responderam o questionário apenas os/as docentes e os/as estudantes mais assíduos/as no período investigado. Para a composição da amostra, aplicamos o questionário a cinco professores/as e 18 estudantes participantes dos seis cursos envolvidos no Numeq no período de 2015.1 e 2015.2.

Como técnica de investigação no intuito de recolher os dados, optamos pela observação participante, o que permitiu a participação efetiva do pesquisador no grupo, tanto nos encontros de formação quanto nas intervenções na comunidade quilombola Sítio Veiga. Utilizamos também o questionário que possibilitou a análise do processo na realidade investigada.

Para interpretar os dados colhidos, embasei-me na técnica de análise do conteúdo. A definição das categorias emergiu do conteúdo das respostas, do discurso dos participantes, e se constituiu em duas categorias: extensão universitária e educação antirracista.

CAMINHOS PARA O QUILOMBO SÍTIO VEIGA: DA INVISIBILIDADE À UNIVERSIDADE

O Quilombo Sítio Veiga, de acordo com estabelecido em Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID, 2012), configura-se como comunidade negra

tradicional rural. Além de toda a pesquisa etnográfica junto ao Incra, a comunidade transmite sua história oralmente a qualquer visitante que tenha curiosidade de conhecê-la.

O Veiga se origina da união de duas famílias-tronco, família Ribeiro e família Eugênio – conhecida por “Bar”. A primeira tem como patriarca Francisco Ribeiro Bessa – conhecido como Chiquinho Ribeiro ou Pai Chigano – e Maria Fernandes da Silva – popularmente chamada pelos moradores de Mãe Véia. Segundo relatos, Chiquinho Ribeiro teria vindo da cidade de Paus dos Ferros-RN, a cerca de 240 km da cidade de Quixadá-CE, por volta do ano de 1906, início do século XX, com sua família de filhos pequenos, e teria se estabelecido no topo da Serra do Estêvão, zona rural entre os municípios de Choró e Quixadá, onde se localiza atualmente a comunidade quilombola. Chiquinho Ribeiro teria vindo para o Ceará fugindo de algo acontecido em sua cidade natal, porém nunca se soube ao certo o real motivo.

Atualmente, trinta e nove famílias foram cadastradas como quilombolas. Essas famílias se constituíram através de uniões matrimoniais, endogâmicas, ou seja, entre indivíduos do mesmo grupo – e exogâmicas, quando a união é de indivíduos de grupos diferentes. Os casamentos endogâmicos se deram durante muito tempo por questões de preconceito por parte dos outros moradores da região (RTID, 2012).

Vale ressaltar que existem membros “quilombolas adotados”, pessoas com vínculos de afinidade com os quilombolas consanguíneos, que passaram a fazer parte da grande família. Conforme os estudos de Gomes (2003), faz-se necessário constituir uma identidade positivada em uma sociedade racista que, historicamente, sempre negou e silenciou esse ser negro, pois, para se integrar e ser aceito socialmente, primeiro é preciso negar-se a si mesmo. A produção da invisibilidade tanto histórica quanto cultural naturaliza o tratamento e o sentimento discriminatório e racista sobre a população negra.

Afinal, os escritos de Gomes (2018) nos atentam para o enfrentamento do racismo e das desigualdades raciais no Brasil bem como a afirmação da identidade negra são caminhos complexos, trajetórias desafiadoras e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente.

A “pardização” e a “morenização” da população cearense são presentes e crescentes. São também preocupantes, pois esses processos dificultam a afirmação da identidade do ser negro, e a invisibilidade permanece em torno dos afro-cearenses. Dessa forma, a



população cearense – bem como as comunidades quilombolas no Ceará – tem uma grande dificuldade em assumir ou até mesmo em se autodefinir como negro/a. Essa é, pois, uma das estratégias de fuga dos estereótipos e estigmas que são característicos do negro – fruto de um racismo inacabado.

A perspectiva identitária quilombola é tecida também pelo vínculo com a territorialidade – uma relação íntima com o território, compreendida como o espaço passado pelas várias gerações sem a adoção do procedimento formal de partilha, e sem que haja posse individualizada. Givânia Maria da Silva, uma das fundadoras do Conaq, apresenta reflexão sobre a dimensão da territorialidade para a identidade quilombola:

O pertencimento em relação ao território é algo mais profundo. A luta quilombola existe porque há um sentimento por parte dos quilombolas de que aquele território em que eles habitam é deles. Mas não é deles por conta de propriedade, é deles enquanto espaço de vida, de cultura, de identidade. Isso nós chamamos de pertencimento. Nem é porque nossas terras sejam as mais férteis que nós lutamos por elas. Elas muitas vezes não são as mais férteis, se nós concebermos o fértil no usual da economia. Mas ela tem uma fertilidade que para nós que estamos ali ela é a melhor. A nossa luta pela terra não é pautada por princípios econômicos, e sim por fundamentos culturais, ancestrais. É o sentimento de continuidade da luta e resistência (SILVA)

A historicização de um grupo, na concepção de Munaga (2009), pode provocar o afastamento ou a destruição histórica, pois ele acredita que essa é uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização para acabar com a memória coletiva. Daí a necessidade de termos uma atenção com a história da população negra, em particular nos Quilombos, no seu resgate por meio de livros didáticos, das intervenções no intuito de recontar e ressignificar a identidade coletiva do povo negro quilombola, que insiste em ser silenciada e omitida por parte da sociedade brasileira.

PARA ALÉM DA EXTENSÃO: O OLHAR DOS/AS ESTUDANTES E PROFESSORES/AS SOBRE O NUNEQ

A pesquisa-intervenção foi uma ferramenta fundamental para propiciar uma vivência antirracista por meio da extensão universitária. Após o término do projeto de extensão no final do Nuneq, foram aplicados questionários avaliativos – com questões abertas e fechadas – com os integrantes do grupo. A aplicação desse instrumental deu-se



após minha saída da instituição no início de 2016 – notadamente aqueles referentes às análises dos discentes de diferentes cursos. A escolha dos/as estudantes e professores, deu-se pela assiduidade nos encontros de formação realizados pelo Numeq e nas intervenções no Sítio Veiga.

Interrogávamos sobre o que tinha sido aprendido com o projeto de extensão no que tange à questão racial. Com esse critério, dezoito estudantes e cinco professores responderam. Era nosso intento perceber o que de fato foi assimilado pelos/as participantes do projeto de extensão nas áreas de humanas, saúde e exatas.

Com as transformações alcançadas com o desenvolvimento da pesquisa-intervenção na instituição, por meio dos encontros de formação relatados no início do artigo com o projeto de extensão, tentamos, na medida do possível, somar, ampliar olhares e contribuir na mudança da visão de mundo e sensibilidade diante da questão racial, tanto dos/as estudantes quanto dos/as professores/as.

Nesse sentido, ao serem questionados sobre os conteúdos e textos discutidos no encontro de formação, pudemos pensar numa educação antirracista: 17 estudantes responderam que sim e apenas um respondeu que não. Ao serem questionados de que forma isso acontecia, destacamos as respostas no quadro 1A, logo abaixo:

Quadro 1A – Síntese das respostas dos/as estudantes sobre como os conteúdos e textos discutidos no encontro de formação ajudaram a pensar numa educação antirracista

Estudantes	Compreensão declarada
Arquitetura 3	Abriu os olhos para grande parte das lutas étnico-raciais.
Direito 3	A partir do momento em que você passa a ser sujeito de ação e intervém desconstruindo a forma como o racismo se manifesta.
Odontologia 1	Traziam temas bem polêmicos, e as discussões me fizeram ter outras visões sobre o assunto.
Psicologia 4	Fazendo questionar o que é uma educação racista, como ela está propagada na sociedade e como atuar de maneira inversa, para educar para o respeito às diversidades e contribuir para a diminuição do racismo nas instituições de ensino e em todos os setores sociais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos que a resposta da estudante de Psicologia 4 nos atenta “[...] para educar para o respeito às diversidades e contribuir para a diminuição do racismo [...]”, e essa visão mais abrangente permitiu à estudante o reconhecimento da diferença e de trazer à tona essa discussão no ensino superior privado – e, pelo menos na dimensão da extensão,



isso esteve presente. Os textos discutidos foram fundamentais para desconstruir conceitos e estigmas, como bem relataram os/as outros/as estudantes.

Estamos inseridos numa sociedade onde a branquitude e o eurocentrismo são normas tidas como universais. Dessa forma, incentiva o desejo de ser branco, na tentativa de assimilar os padrões europeus, assim desvalorizando o diferente, o diverso – despertando o brasileiro cordial que oculta e apaga a diversidade do nosso país, a qual é pluricultural e pluriétnica, o que chega a ser bem contraditório. E, nessa armadilha precisamos e devemos ficar atentos para não naturalizar o racismo e desconstruir a ideia de uma democracia racial, trazendo à tona os saberes, vozes e produções intelectuais daqueles que são silenciados estruturalmente.

O Numeq permitiu, a partir das leituras, reflexões e vivências, que os/as estudantes e professores/as tivessem uma visão abrangente e uma consciência crítica e histórica acerca das opressões, mais especificamente do racismo. O projeto de extensão em questão atingiu avanços positivos nesse sentido: os novos conhecimentos apreendidos pelos/as estudantes e professores/as sobre as relações raciais possibilitaram uma reeducação no que concerne a essa questão, contribuindo no combate e enfrentamento do racismo na instituição, nos seus futuros ofícios.

Voltamos à resposta da estudante de Psicologia 4, ao colocar a diversidade como centro nesse debate. Gonçalves e Silva (2011) nos alerta em relação a essa antiga discussão no Brasil, o qual aparece no cenário educacional nos anos 1990, seguindo a história de lutas pela inserção cidadã na sociedade por grupos historicamente oprimidos.

O Brasil se descobre multicultural: na tentativa de conexões entre a diversidade e o currículo, emerge o fenômeno do multiculturalismo. No entanto, Candau (2016) nos alerta para a problemática multicultural, a partir do momento em que promove uma política de universalização e de igualdade de oportunidades, mas sem colocar em xeque o caráter monocultural e homogeneizador enraizado na cultura escolar. Outra questão do multiculturalismo consiste em assumir uma visão essencialista da formação das identidades culturais – entretanto, pensarmos e agirmos na perspectiva de homogeneização traduz uma tática colonial.

Gonçalves e Silva (2011) faz uma crítica às sociedades multiculturais como o Brasil, pois, para ela, enquanto não se resolverem os problemas decorrentes das opressões e discriminações, mais difícil é para essas sociedades tornarem-se justas e democráticas.



Assim, a inclusão apenas no currículo não é suficiente: faz-se necessário integrar lutas contra as injustiças.

O que hoje se propõe é o diálogo aberto entre as culturas. Mignolo (2008, p. 316) apresenta uma definição de interculturalidade bastante interessante:

A interculturalidade deve ser entendida no contexto do pensamento e de projetos descoloniais. Ao contrário do multiculturalismo, que foi uma invenção do Estado-nacional dos EUA para conceder “cultura” enquanto mantém “epistemologia”, interculturalidade nos Andes é um conceito introduzido por intelectuais indígenas para reivindicar direitos epistêmicos. A intercultura, na verdade, significa intepistemologia, um diálogo intenso que é o diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental e ocidental. Aqui você acha exatamente a razão por que a cosmologia ocidental é universal (em suas diferenças) e imperial, enquanto o pensamento e as epistemologias descoloniais tiveram que ser pluriversais: aquilo que as línguas e a cosmologia não ocidentais tinham em comum é terem sido forçadas a lidar com a cosmologia ocidental.

O autor em questão propõe refletir acerca da interculturalidade na tentativa de romper com a violência epistêmica, numa perspectiva de provocar e promover o questionamento e a construção de alternativas ao caráter monocultural e ocidentalizado dominante presentes na dimensão educacional. Dessa forma, segundo Candau (2016), há uma cisão da visão essencialista das culturas e identidades culturais, o que possibilita o reconhecimento das diferenças culturais. Assim, temos elementos essenciais para a construção de uma sociedade democrática.

A resposta da estudante de Psicologia 4 nos fez refletir sobre como é desafiador para a educação brasileira a proposta da interculturalidade e, para tanto, há um chamado a considerar a questão racial no âmago do debate, dada a sua forte presença na construção histórica, social, cultural, política e identitária da nossa sociedade (GOMES, 2010).

O quadro 1B trata do mesmo questionamento feito aos/as docentes anteriormente: dos cinco professores, apenas dois justificaram suas respostas. Apesar de todos assinalarem positivamente que os textos discutidos ajudaram a pensar numa educação antirracista, os professores de Odontologia e Arquitetura não entraram no desdobramento da questão. Talvez, para esses/as professores, eles/as não tenham interferido nas suas ações pedagógicas, apenas na sua ótica diante das questões raciais.



Quadro 1B – Síntese das respostas dos/as professores/as sobre como os conteúdos e textos discutidos no encontro de formação ajudaram a pensar numa educação antirracista

Docentes	Compreensão declarada
Psicologia	Mudaram minha percepção sobre as construções sobre o conceito de raça, racismo e complexificaram as minhas atitudes e ações como educadora e pessoa em relação aos alunos, principalmente os negros.
Direito	Ajudaram a pensar em metodologias que auxiliassem o pensamento crítico dos alunos para a questão, estimulando a abertura ao tema e mostrando a necessidade da prática antirracista.

Fonte: Elaborado pela autora.

As duas professoras possuem uma interpretação mais crítica diante das questões raciais: nas suas respostas reverbera uma inquietação diante do racismo, do preconceito, da discriminação e da desigualdade racial. Dessa forma, pode-se pensar em estratégias e práticas pedagógicas mais democráticas, ressaltadas na fala das referidas professoras pesquisadas.

Importante destacar a dimensão formadora da extensão universitária. Como afirma Calderón (2007), é um espaço para que estudantes, professores e parceiros vivenciem e deem concretude a valores democráticos que favoreçam o respeito aos direitos humanos – no nosso caso, a questão racial. As respostas das professoras vêm ao encontro do que o autor afirma. O Numeq ampliou as experiências dos/as professores/as e estudantes na construção de novos saberes e deu os primeiros passos na perspectiva de educação intercultural por meio de uma experiência antirracista.

A professora do Direito nos provoca a pensar um pouco mais sobre o diálogo intercultural. Nessa proposta, somos desafiados a ressignificar currículo, práticas, dinâmicas e relações entre os diferentes/ diverso. Mas, para que isso aconteça, é necessário haver uma ruptura com os processos de homogeneização, bem como curricular e epistemologicamente, que silenciam e ocultam as diferenças, reproduzindo uma visão monocultural e colonial dominantes.

A partir da resposta da professora do Direito, “auxiliar no pensamento crítico do aluno”, lembramos que, parafraseando Boaventura dos Santos Sousa, Candau (2016) ressalta que, para construir um projeto educativo emancipatório, precisamos recuperar a capacidade de indignação e integrá-la na formação de subjetividades inconformista e rebeldes.



Segundo Sousa Santos (2007), a cultura escolar está imbricada de práticas e de formações de subjetividade individualistas, alicerçada numa sociedade de consumo e de mercado. Dessa maneira, comprometem a criticidade e o questionamento da homogeneização, terminando por fortalecê-lo. A educação intercultural, contrariamente, fomenta uma formação de subjetividades inconformistas e estimula os processos coletivos que sejam capazes de questionar o *status quo*, uma prática pedagógica que pauta o reconhecimento dos diferentes na busca da construção de justiça social. A educação intercultural entende que

[...] romper com este *daltonismo cultural* e ter presente o *arco-íris das culturas* nas práticas educativas supõe todo um processo de desconstrução de práticas naturalizadas e enraizadas no trabalho docente para sermos educadores/as capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e sala de aula. Exige valorizar as histórias de vida de alunos/as e professores/as e a construção de suas identidades culturais, favorecendo o intercâmbio e o reconhecimento mútuo [...] (CANDAUI, 2016, p. 31).

No entanto, é possível identificar que a educação intercultural dialoga com a educação antirracista; esta tem como objetivo, de acordo com Cavalleiro (2001), o reconhecimento positivo da diversidade racial, um cotidiano que respeite a diferença não apenas no discurso, mas na prática. E aquele, como falamos anteriormente, visa a estimular o diálogo entre os saberes e os conhecimentos ocidentais e não ocidentais nos processos de ensino-aprendizagem.

Corroborando com a visão de Tavares e Freitas (2016), a qual reconhece a relevância da extensão no processo formativo, a valorização e o reconhecimento dela como um espaço integrador contribui para a construção de um saber significativo tanto para estudantes quanto para professores/as.

Embora as respostas dos/as estudantes e dos/as professoras reconheçam a relevância do aprendizado logrado com os textos, vídeos e diálogos nos encontros de formação, ainda não foi alcançado o desejável como as rupturas epistemológicas e curriculares no que tange à questão racial no seio acadêmico aqui em questão. Rompemos com o silenciamento, despertamos inquietações, enalteçemos novos saberes a partir da pesquisa-intervenção – esses também são elementos propulsores para se alcançar mudanças de uma educação antirracista.



Ao serem indagados sobre como os/as estudantes viram a experiência do Numeq, destacamos algumas respostas que contribuíram para um outro olhar em relação à comunidade quilombola:

Quadro 2A – Compreensão declarada pelos/as estudantes sobre como eles/as viram a experiência do Numeq

Estudantes	Compreensão declarada
Direito 3	Eu achei enriquecedor os momentos proporcionados junto às visitas em campo no quilombo, a abordagem com a comunidade, bem como a valorização da cultura quilombola proporcionada pelo grupo de extensão.
Educação Física 2	Muito satisfatório para o meu crescimento profissional em trabalhar e participar das decisões dos grupos de diferentes cursos foi a troca de saberes, experiências e vivências na prática que com certeza contribuiu para o meu desenvolvimento cognitivo. Antes de participar do grupo Numeq, não conhecia a comunidade dos quilombos, e foi através dessa participação do projeto de extensão do grupo Numeq que me possibilitou conhecer culturas diferentes.
Psicologia 1	De extrema importância para a minha formação pessoal e além de tudo profissional, tendo em vista que a questão racial não é um assunto em pauta na graduação de Psicologia.

Fonte: Elaborado pela autora.

O debate trouxe o Quilombo para o centro da discussão. Este deixou de ser imaginado e tornou-se real. Os ali residentes passaram a ser percebidos como sujeitos de luta por seus direitos, principalmente pela reivindicação da posse da terra, que é a principal bandeira. A visão inicialmente apresentada demonstrava um pensamento que não conseguia enxergar os quilombolas para além de ex-escravizados. Esse olhar foi se transformando. Durante as primeiras intervenções na comunidade, percebemos que esse imaginário se desfez. Mas a mudança de pensamento inicial foi modificada também por conta das leituras e debates no grupo de estudos do Numeq, o qual possibilitou desvincular o olhar folclorizante sobre os Quilombos.

De acordo com Reis (1994), a extensão universitária é entendida como o interagir da universidade com a sociedade. Assim sendo, faz parte do tripé da academia – juntamente com o ensino e a pesquisa, de forma indissociável – e propicia uma transformação na sociedade por meio de suas ações. Como foi visto anteriormente, o Numeq possibilitou o processo formativo do aluno, bem como a produção de novos conhecimentos a partir da atuação na comunidade quilombola Sítio Veiga.

Ao referir-se à ausência dos estudos sobre a questão racial na graduação, destacamos a resposta da estudante de Psicologia, demonstrando que há uma linha tênue



que impede o tripé entre pesquisa, ensino e extensão em algumas universidades. E ainda existe outro agravante: o não cumprimento da Lei nº 10.639/03 no ensino superior.

Nas palavras de Silva (2011), o currículo depende precisamente da forma que ele é definido pelos diferentes autores e teorias. Quando pensamos em currículo, nos restringimos a pensar apenas em conhecimentos e esquecemos que o conhecimento que envolve o currículo está relacionado àquilo que somos e àquilo que nos tornamos. Pensar o currículo é pensar a questão da identidade, de poder, pois selecionar é uma operação de poder, bem como privilegiar um tipo de conhecimento.

Diante desse contexto e a partir da fala de Psicologia 1, o que podemos destacar é que não há um cuidado ao tratar a questão racial nos currículos do ensino superior, pois o que está no plano de fundo é a reprodução social e cultural, ou seja, um racismo educacional que se estende às universidades. O que houve até o momento foi uma crítica ao modelo tradicional curricular, mas não avançou a forma de abordar as relações raciais tanto nas teorias críticas quanto nas tradicionais.

Entretanto, há uma história que não se conta no que se refere aos grupos oprimidos na sociedade brasileira, onde suas contribuições não são tratadas como significativas, as quais são invisibilizadas, negadas e silenciadas nos currículos, bem como na sala de aula. O que predominam são padrões culturais hegemônicos brancos e europeus que muitas vezes são reproduzidos e tidos como únicos tanto epistemologicamente quanto curricularmente, consistindo em um dos mecanismos de invisibilização dos grupos dos oprimidos e subordinados.

Diante desse cenário educacional, o que se veicula é um descaso com relação aos conteúdos que tratam da história e cultura da população afro-brasileira, negando a um povo o direito de conhecer a sua própria história. A escola, bem como a academia, coloca em segundo plano seus valores culturais e históricos, reforçando o preconceito, a discriminação e o racismo contra a população negra.

Quadro 2B – Compreensão declarada pelos/as estudantes sobre como eles/as viram a experiência do Numeq

Estudantes	Compreensão declarada
Arquitetura e Urbanismo 1	Uma experiência engrandecedora e rica tanto para minha vida acadêmica quanto para a vida pessoal, pois passei a me ver de forma diferente e me empoderar. E também para perceber as questões raciais ao meu redor.



Arquitetura e Urbanismo 4	Me fez crescer como pessoa. Buscar novos conhecimentos. Me fez ver que o racismo no mundo e principalmente no Brasil é um problema que cresce a cada dia mais e que ele não é debatido, ele é deixado de lado.
Odontologia 1	Foi de grande valia para meu conhecimento quanto aos quilombolas e contribuiu para pensar numa educação antirracista de um modo multidisciplinar em equipe, além dos benefícios levados à comunidade por meio das intervenções.
Fisioterapia	Engrandecedora, me mostrou que, dentro da sociedade, o racismo é uma prática que afeta os negros de forma negativa e que precisamos ampliar o nosso olhar para essas situações que ainda é tão presente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, Gonçalves e Silva (2008) afirma que, no ensinamento da cultura africana, só terá sentido o que for aprendido pela ação, ou seja, aprende-se o que se vive, e muito pouco sobre o que se ouve falar. Dito de outra forma, de pouco adianta falar de consciência negra, valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, se não há como colocá-la em prática, executar a tarefa, vivenciá-la com ações concretas, a fim de desenvolver estratégias de combate ao racismo na educação brasileira.

Essa é uma razão pela qual o contato com o Quilombo Sítio Veiga – e outras comunidades negras e grupos tradicionais – torna-se relevante a partir do momento em que as discussões teóricas e conceituais desembocam em ações concretas na comunidade. Professores e estudantes constroem experiências de formação com a questão racial e estratégias de combate e superação do racismo, permitindo, portanto, romper com a lógica epistemológica eurocêntrica pilarizada na valorização ocidental em detrimento das contribuições das civilizações africanas. Essas são, muitas vezes, negadas e silenciadas por um currículo que não contempla a questão racial e a diversidade étnico-racial, nas várias áreas do conhecimento.

Percebe-se, com os encontros de formação e as intervenções de cursos e áreas diferentes, que não foi apenas um projeto de extensão, mas uma experiência que se ampliou para além do saber acadêmico. Dito de outra forma, foi uma via que possibilitou a relação teoria/prática na universidade – no nosso caso, uma experiência extensionista antirracista. A troca de saberes oportunizou o conhecimento a partir da realidade. Por meio da extensão universitária, os saberes acadêmico e popular se complementaram, possibilitando uma ampliação do conhecimento em relação à questão racial.

PENSARES (IN) CONCLUSIVOS



O debate trouxe o Quilombo para o centro da discussão, o qual deixou de ser imaginado e passou a ser real: os quilombolas passaram a ser percebidos como sujeitos de direitos. Essa mudança de visão já foi uma conquista para o Numeq. O encontro de formação foi primordial para o rompimento desse paradigma em relação à questão racial. Estimulamos, estudos e discussões que até então estava sendo silenciadas, inquietações que precisam ser trazidas à tona para serem debatidas, desdobrando assim nossas ações no quilombo, ressignificando nossa forma de pensar e agir em relação à população negra.

Inicialmente, pensou-se o Numeq como um projeto de extensão de construção coletiva e antirracista, já que a ideia foi trabalhar as questões raciais no centro universitário privado e fazer a intervenção no Quilombo Sítio Veiga. Entretanto, o envolvimento e a parceria dos/as estudantes e professores/as para que desse certo esse projeto de extensão foram de extrema relevância, visto que fomos nos colocando nos trilhos, pouco a pouco nos organizando.

Interessante destacar a produção de novas práticas didáticas e pedagógicas no ensino superior, a partir dos diferentes saberes e ensinamentos quilombolas e sua valorização, principalmente nas intervenções no chão quilombola. As parcerias com os/as professores e estudantes dos diversos cursos permitiu e enalteceu boas produções na área da educação, a partir do olhar acadêmico no desdobramento de novas formas de trabalhar a Lei nº 10.639/03.

Podemos perceber que o Numeq possibilitou tanto aos/as estudantes quanto aos/as professores/as uma ampliação do conhecimento no que tange à questão racial. Nessa via de mão dupla com o Quilombo do Veiga, foi possível descobrir o universo de possibilidades para transversalização da discussão racial nas áreas de humanas, exatas e saúde, compreendendo que o saber é construído com o outro. Assim, a extensão universitária contribuiu diretamente com a formação do/a estudante, tornando-se um diferencial. As atividades do Numeq foram possibilidades pelas quais devemos lutar, no combate diário e incansável contra o racismo em todos os espaços em que estamos inseridos.

O Numeq, a partir da sua articulação com o Quilombo através das vivências, possibilitou aos/as participantes importantes trocas de visões de mundo e construção de saberes, provocando a transformação dos sujeitos, corroborando com um dos objetivos



principais da pesquisa-intervenção, que é a intervenção na realidade social e a transformação da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. Plano Nacional de Extensão. Brasília, 2000.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio (Org.). Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares. São Paulo: Xamã, 2007.

CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico cultural. In: Diversidade na educação: reflexões e experiências. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

_____. Por uma indignação antirracista e diaspórica: Negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/642>> Acesso em: 19 mar. 2020.

_____. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius (Org.). Relações étnico-raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

_____. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

INCRA. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do território da comunidade remanescente de quilombo Sítio Veiga. Fortaleza. 2012.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A investigação-ação e a construção de conhecimento profissional relevante. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Pesquisa em ação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

TAVARES, Christiane Andrade Régis; FREITAS, Kátia Siqueira de. Extensão Universitária: o patinho feio da academia? Jundiaí: Paco, 2016.

Recebido 30/03/2020

Aprovado em 30/04/2020